

A ESCRITA NAS REDES SOCIAIS E A INTERFERÊNCIA NA ORTOGRAFIA FORA DO AMBIENTE TECNOLÓGICO

Gabrielle Vieira de Paula Silva¹

Millena de Paula Martins²

Nayara Alcantara³

Resumo

Neste trabalho, seguindo a abordagem qualitativa por meio da exposição de dados, propõe-se analisar o “internetês” e a linguagem cobrada fora do ambiente tecnológico. A partir dessas compreensões básicas, surge o aprofundamento de como e o quanto a linguagem das redes sociais influencia a ortografia no ambiente extra-virtual e qual seria o posicionamento ideal dos profissionais de educação frente a essa realidade, impregnada na vida de todos os jovens atualmente. Pretende-se compreender como lidar com a realidade dentro e fora do ambiente virtual sem que os discentes necessitem ignorar, anular ou alterar uma delas, visto que variações podem coexistir.

Palavras-chave: Ortografia. Redes Sociais. Internetês.

WRITING ON SOCIAL NETWORKS AND INTERFERENCE IN SPELLING OUTSIDE THE TECHNOLOGICAL ENVIRONMENT

Abstract

In this work, following a qualitative approach through data exposure, it is proposed to analyze Internetese and the language charged outside the technological environment. From these basic understandings, there is a deepening of how and to what extent the language of social networks influences spelling in the extra-virtual environment and what would be the ideal positioning of education professionals facing this reality, permeated in the lives of all young people today. It is intended to understand how to deal with virtual reality and with reality outside the online

¹Graduanda em Letras pelo UGB/FERP.

²Graduanda em Letras pelo UGB/FERP.

³Mestranda em Ensino pelo Centro Universitário de Volta Redonda. Especialista em língua portuguesa, gestão e docência escolar e gestão e docência em Ensino Superior pelo UGB/FERP.

environment without the students needing to ignore, cancel or change one of them, as variations can coexist.

Keywords: Spelling. Social networks. Internetese.

Introdução

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa e metodologia descritiva, explicativa e bibliográfica, visa apresentar dados que mostrem como a ortografia é utilizada nas redes sociais e como isso influencia o desempenho de seus usuários no ambiente extra-virtual. Focalizaremos nossos estudos aos discentes na faixa etária jovial, que fazem o uso de recursos digitais com maior frequência, atribuindo à linguagem um caráter internetês, com forte influência das abreviações, gírias, ausência de pontuação, uso de coloquialismos e inversão da ordem canônica frasal.

O objetivo cerne deste trabalho é problematizar a escrita fonetizada mais conhecida por internetês, listando suas particularidades e desvios ortográficos ao que tange ao Novo Acordo Ortográfico vigente. Traçando um paralelo entre a necessidade da adaptação à linguagem da realidade virtual com a normalização do internetês em ambientes reais que necessitam do uso de uma linguagem culta seguindo os padrões ortográficos normatizados no último acordo vigente.

Muito se tem discutido acerca do internetês e sua influência na escrita fora do mundo tecnológico. Tomemos como partida a constante modernização no mundo de hoje, graças à tecnologia e seus avanços. Com todas as mudanças a cada dia que passa, a Língua também evolui e se adapta às gerações, culturas e ao tempo.

O acesso à internet vem se popularizando e alcançando pessoas de todo o mundo, tornando assim fácil a comunicação, a exposição de ideias, pensamentos e opiniões sobre diversos assuntos. A linguagem na internet, principalmente nas redes sociais, se constrói com gírias, abreviações e também imagens e emoticons. Esse é um espaço em que os interlocutores se livram da formalidade, porém quando precisam escrever fora desse espaço, apresentam dificuldade em se separar dessa linguagem de tão fácil acesso.

Em contrapartida, fora das redes sociais, a escrita cobrada gira ao redor da ortografia, principalmente nas escolas. Vem então a dificuldade dos jovens em usufruir das duas realidades, compreendendo ambas, sem que seja necessário excluir, alterar ou anular uma delas.

É possível perceber os benefícios que essa poderosa ferramenta traz à população, entretanto surgem por outro lado as preocupações entre os profissionais da educação no sentido de que a internet interfira negativamente na escrita dos estudantes no que tange à ortografia. Nesse sentido, torna-se essencial que os docentes estejam preparados para lidar com o cenário atual, sabendo utilizar as redes sociais a seu favor para trabalhar a leitura e escrita dos discentes, já que tal recurso faz parte do cotidiano de todos. A ortografia não deve ser deixada de lado, embora não deva ser também o primeiro ponto cobrado na escrita.

O conceito de gramática face ao conceito de linguagem

Previamente estabeleceremos um paralelo entre o conceito de “Gramática” em face no conceito de “Linguagem”, a fim de que possamos delimitar nosso objeto de estudo. Segundo Celso Cunha e Lindley Cintra, a linguagem seria “um conjunto complexo de processos-resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma LÍNGUA qualquer.”

Ao passo, que a Gramática normativa ou prescritiva seria um agrupamento de conhecimentos, para construir e interpretar unidades como, frases, orações e período. Segundo AZEREDO (2010, p.130-131), a Gramática normativa ou prescritiva enfoca no ensino da língua na tradição escolar e também na sociedade. Qualquer gramática normativa é essencialmente uma gramática descritiva, breve só se pode prescrever uma forma da linguagem, ou seja, prescrição se ela for preliminar identificada por intermédio de uma descrição.

Nessa conformidade, proporemo-nos a analisar a linguagem falada, mas especificamente da utilização social da faculdade da linguagem, devido seu caráter

mutável perante a necessidade de comunicação do indivíduo falante no meio social. Dessarte concebemos a Língua como um instrumento de comunicação social maleável e diversificado, suscetível constantemente a variações a fim de que se adapte a necessidade comunicativa de determinada comunidade de fala, ao passo que tomaremos como verdade a gramática como norteadora da fala e não como sinônimo da língua. Nas palavras de BAGNO, Marcos (Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.2002.p.19), “Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.”

Segundo RAJAGOPALAN (2011, p. 127), “O que não se pode negar, de forma alguma, é a necessidade de eleger uma norma para servir de modelo para todos os usuários de uma língua”, pois quando negamos a existência das regras gramaticais expressadas na Gramática Tradicional, estamos desprezando todo o processo de criação de nossa língua. Ao passo que devemos nos policiar para que saibamos nos colocar em situações que exigem alto grau de formalidade e em situações que não exigem desmesurado monitoramento.

A ascensão da tecnologia e o processo comunicativo

Com a ascensão da tecnologia, as redes sociais tornaram-se um meio de interação acessível à grande parcela da sociedade, principalmente com a chegada da pandemia do novo Corona-Vírus, o que exigiu da população o isolamento social. Conceituando este último termo, evidencia-se que “Isolamento social é o ato de separar um indivíduo ou um grupo, do convívio com o restante da sociedade.”, de acordo com a instituição BRASIL, Escola (2020). Este fato fez com que as redes sociais além de meios de comunicação entre indivíduos, se tornassem uma ferramenta de trabalho e uma fonte alternativa de estudos em várias instituições do país para que se fosse mantido o vínculo entre professor-aluno, após a suspensão do retorno às aulas na fase insipiente a pandemia.

Entretanto, a destreza e agilidade de comunicação e de informações tornaram-se um ciberespaço propício aos desvios da norma-padrão. “Na atualidade, o que se desloca é a informação”, diz VIRILIO (1993, p. 110). Os interlocutores cibernéticos em seu processo de comunicação virtual renunciam da gramática tradicional a fim de que se possam romper a formalidade da interlocução, aproximando a realidade extra-virtual da realidade virtual, criando um campo de aproximação entre ambos os envolvidos no processo comunicativo.

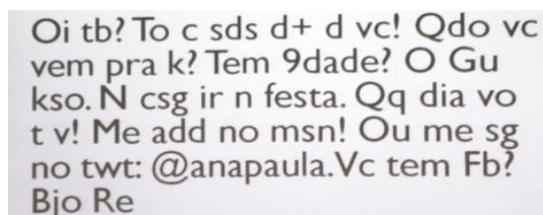
O internauta ao se envolver em um processo comunicativo se adéqua a realidade do interlocutor o qual mantém o discurso. De modo que se este faz uso de gírias o outro também as fará, a fim de que se possa promover a sua inserção no grupo social que almeja fazer parte.

O “internetês” como um novo conceito de linguagem

Segundo (MARCUSCHI, 2001, P.16), as duas modalidades da Língua Portuguesa, a oral e a escrita, são vistas como práticas sociais, visto que o estudo das línguas se funda em usos. Deste modo, escrever bem não é sinônimo de fazer o uso das regras gramaticais corretamente, desde que se cumpra o processo comunicativo sem que sejam geradas lacunas no entendimento do leitor.

O ambiente virtual traz consigo um novo conceito de escrita textual, pois nela os usuários das redes sociais aproximam a escrita da oralidade. De modo que surge o termo “internetês” como um novo conceito de linguagem. Analisaremos um recorte abaixo:

Figura 1. Passagem no site Blog do Enem:



Oi tb? To c sds d+ d vc! Qdo vc vem pra k? Tem 9dade? O Gu kso. N csg ir n festa. Qq dia vo t v! Me add no msn! Ou me sg no twt: @anapaula.Vc tem Fb? Bjo Re

Fonte: blogdoenem.com.br

No texto supramencionado podemos perceber evidentemente os desvios da norma padrão que ocorrem com frequência no decorrer da leitura do texto como uma forma de promover a redução da escrita. O uso de abreviações, a repetição de grafemas, a ausência de sinais ortográficos, e a alteração gráfica das palavras são alguns dos aspectos presentes na forma grafolinguística.

O “internetês” pode ser considerado uma demonstração do caráter mutável da língua. Nas palavras de MARCONATO (apud, 2006) teríamos uma “redução de excessos da ortografia”. Desde que ambos os interlocutores entendam a mensagem que se busca passar no discurso, podemos aferir que o discurso cumpriu a sua função de comunicação.

O “internetês” (formado pelo neologismo internet+ês) apresenta-se como uma variação linguística. É possível inseri-la na variação-histórica, a qual desencadeia-se em decorrência do tempo, de modo que esta forma de escrita surgiu a partir do advento dos meios tecnológicos e da necessidade de adaptação da linguagem ao meio cibernético. Segundo MOLLICA (1996, p.13-14), as variações são motivadas, ou seja, são controladas por fatores de modo que a heterogeneidade se delinea de maneira previsível e sistemática. A autora focaliza seu objeto na variação linguística, entendendo-a por um princípio geral e universal das línguas, suscetível a descrições e análises por meio da sociolinguística.

Deste modo podemos conjecturar que a linguagem em âmbito virtual não seja meramente um desvio da norma padrão instituída pela gramática normativa, mas que se apresente uma linguagem alfanumérica, ou seja, uma codificação de letras e números, que se apresenta de forma funcional e fluida.

Influência do internetês na ortografia

A grande preocupação dos profissionais na área da educação é como e quanto o internetês pode influenciar de forma negativa na escrita fora do ambiente tecnológico, se tratando inclusive da ortografia.

Fica evidente que a maioria dos indivíduos julgam a influência das redes sociais como negativa em relação à ortografia fora do mundo tecnológico. Porém, se pensarmos nas redes sociais sem as amarras do preconceito, perceberemos um mundo cheio de informações frescas e possibilidades de discussão crítica sobre diversos temas dos mais variados níveis de seriedade, com pessoas das mais diversas culturas e lugares. Logo, vem a oportunidade de conviver com pensamentos e ideias divergentes. O leitor só precisa filtrar esses conteúdos e se certificar de que as fontes são confiáveis. Nesse momento, os professores precisam se atentar e traçar estratégias para que esses benefícios sejam aproveitados, o que será esmiuçado mais adiante.

As redes sociais oferecem um imenso potencial pedagógico. Elas possibilitam o estudo em grupo, troca de conhecimento e aprendizagem colaborativa. [...] cabe ao professor o papel de saber utilizá-las para atrair o interesse dos jovens no uso dessas redes sociais favorecendo a sua própria aprendizagem de forma coletiva e interativa. (BOHN, 2009, p. 01)

O primeiro pensamento ao ligar redes sociais à ortografia, é a influência do mundo tecnológico. O leitor midiático, cada vez mais crítico, encontra novos meios de acesso à mesma, visto que a velocidade em que atualmente circulam as informações, por conta das novas tecnologias, é de formação textual e diversidade ultra expansível. Nas redes sociais a leitura passa a ser rápida e cercada de vários “hiperlinks”, que proporcionam a exposição da intertextualidade do leitor e este se vê obrigado a ser crítico, entra em confronto com novos textos e autores de culturas diferentes, pois fronteiras geográficas quase não existem no mundo virtual. Ao ler, o leitor automaticamente expõe suas ideias, sugere novos textos, analisa opiniões diferentes, como uma teia de aprendizado e troca de conhecimento. (SANTOS, ARCHER, 2016, p.05)

Dessa maneira, fica claro que há no lado positivo do internetês o incentivo à escrita e leitura. O problema surge quando, na pressa do cotidiano, os indivíduos começam a dissertar abrindo mão da acentuação e pontuação. “Por uma questão de agilidade, costuma-se não usar os sinais de acentuação e pontuação. Isso faz com que a

memória visual fique deturpada. Aprendemos vendo a imagem da palavra conforme a usamos” (Sérgio Nogueira, 2019, g1). Com essa influência, no automático os alunos tendem a utilizar o internetês em lugares inadequados como atividades da escola e redações. MENDES (2013 p, 13) diz:

Como professora de Língua Portuguesa, percebo o quanto é comum em textos escolares o uso de abreviações como vc (você), hj (hoje), bjs (beijos) tb (também), entre outros. Os alunos justificam que usam o internetês de forma inconsciente e automática. Por isso, cabe à escola alertar os alunos sobre o vício que pode causar o uso constante desse tipo de linguagem e reforçar que a atitude ideal para evitar essa situação é usar frequentemente a variante padrão da língua, já que essa sempre será bem aceita. MENDES (2013 p, 13)

Segundo BARROS (2011 p, 45), a língua portuguesa segue um padrão culto e a linguagem utilizada na internet não segue estes padrões cujas consequências, é que muitas vezes o estudante leve esta linguagem para o universo escolar, chegando ao ponto de utilizá-la em momentos que exija a norma culta. Sendo assim, surge um recurso de grande importância para o intelecto de todo e qualquer indivíduo, a leitura. A memória visual pode ficar comprometida se não lermos livros, revistas e jornais, em suma, veículos que não façam parte do mundo das redes sociais.

Por outro lado, não há coerência em preocupar-se com um prejuízo do internetês à produção dos falantes. De acordo com a linguista Camilla Duarte (2019), esse é um fenômeno natural como qualquer outro em uma língua, pois o internetês foi criado dentro de um contexto de era digital e a maior parte das pessoas que faz uso, tem o domínio da língua. Ou seja, segundo a estudiosa, não é possível alguém burlar a convenção de escrita se não a conhece, o indivíduo apropria-se da convenção para usar o internetês. Além do mais, com uma educação de qualidade, os estudantes serão orientados e norteados, saberão e terão consciência então de que cada variante linguística e forma de comunicação tem o seu espaço e contexto para se manifestar. Lembrarão que a escrita e fala das redes sociais com os amigos não é a mesma que se usa na escola ou em outros espaços considerados formais.

Outro ponto inevitável a ser discutido quando se fala de ortografia, uma convenção social, é o preconceito linguístico. Esse conjunto de regras estabelecidas

pela gramática normativa para a grafia correta das palavras prende de tal maneira a escrita que faz com que o preconceito linguístico apareça nas duas realidades: a escrita das redes sociais, configurada como uma variação linguística e a escrita fora dela. “O preconceito linguístico se baseia na crença de que existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários.” (BAGNO, 1999, p.40).

A intervenção do docente de língua portuguesa na aprendizagem da ortografia

Embora saibamos que “o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido” (POSSENTI, 1996, p.17, grifos do autor), não podemos, pois, focalizar todo o ensino na prática da ortografia padrão suscitada na gramática normativa vigente, pois mesmo que esta disponha de vocabulários necessários para a formação discente e para prática em ambientes formais, a ascensão da tecnologia propôs um campo linguístico vasto com a incorporação do internetês, o qual não é retratado na Gramática Tradicional hodierna por serem termos precoces a postremeira reforma ortográfica, mas que receberam grande número de vulnerados, associada principalmente à necessidade de uma lépida comunicação. Mediante a incoação do “internetês” faz-se necessário que os profissionais da educação não priorizem somente a GT na produção de textos espontâneos, mas que se possa criar um paralelo com a bagagem gramatical disposta pelo discente formada por intermédio de suas interações vocabulares com falantes pré-dispostos em seus grupos específicos. A fim de que se promova a variabilidade linguística e o fervor do discente em trazer à vida estudantil seu estilo de vida.

No modelo tradicional de educação é sempre cobrado rigorosamente a ortografia nas produções escritas. Porém, nas metodologias modernas esse critério tem deixado de ser o mais importante visto que preso às regras ortográficas, o indivíduo acaba perdendo sua criatividade textual.

A questão da ortografia, depois do vendaval, volta a encontrar um ponto de equilíbrio nas metodologias modernas. Apesar de ser ainda um dos critérios mais fortes utilizados pelos professores (e pela sociedade) para avaliar o progresso escolar, muitos professores acabaram achando interessante abrir mão da ortografia pelo menos em alguns tipos de atividades, como a produção de textos espontâneos. (CAGLIARI, 2002, p. 8)

Além da criatividade controlada, é incoerente que os estudantes decorem tantas regras sem compreendê-las. Ora, se dominar a gramática é mesmo tão importante para se escrever bem, para dominar o “Português correto”, para uma ascensão social, todo gramático seria um grande escritor e os bons escritores seriam especialistas em gramática. O que está longe de ser verídico.

Machado de Assis, uma vez ao abrir uma gramática de seu sobrinho, se espantou com sua “ignorância” por não ter entendido nada. Outro exemplo considerável é Carlos Drummond de Andrade, que deixa claro em seu poema “Aula de português” a sua perturbação diante do “mistério” das figuras “esquipáticas” (junção de esquisitas com antipáticas) que compõem o “amazonas de minha ignorância”. Drummond ignorante?

De acordo com LUFT em *Língua e liberdade* (pp. 23-25, p.21), esse ensino gramaticalista causa medo à expressão autêntica, aversão a aprender o idioma e insegurança, além de abafar os talentos naturais para a escrita.

Considerações finais

Diante da polêmica influência das redes sociais na ortografia, cabe então uma proposta para que todos consigam usar essa ferramenta a favor do ensino e da troca de conhecimento, sem que esta afete negativamente a leitura e escrita, o que também se mostra essencial na vida de qualquer indivíduo.

O papel da escola é ensinar a língua padrão, sem ignorar o internetês, visto que ele existe e se consolida como uma linguagem, uma forma de comunicação que surgiu por vontade e necessidade do ser humano em se socializar e expressar o que

pensa e sente, adequando-se e adaptando-se a seu tempo, sua realidade, seu contexto e cultura.

Torna-se então indispensável uma intervenção didática em que os docentes ponham-se preparados a conviver com essa realidade fazendo uso a favor de seu magistério, que reconheçam o internetês como parte da linguagem principalmente dos jovens estudantes, fazendo com que estes, como público alvo e protagonistas no processo de ensino e aprendizagem, reflitam sobre o uso adequado dessa escrita e saibam separar a escrita formal da informal, onde e quando usar cada uma. Atividades em que os discentes possam refletir e utilizar ambas as realidades em contextos pertinentes seriam ideais. Exercícios em que a ortografia aparece, que estes não propiciem um mero aprendizado mecânico sempre com repetições, mas que os estudantes compreendam as regras ortográficas para utilizá-las com a consciência e prazer de quem sabe o que faz.

Referências

ANDRADE, Maria Lúcia. **Língua**: Modalidade oral/escrita. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - São Paulo – USP. Disponível em: https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/292072/mod_resource/content/1/Texto%20da%20Atividade%201.pdf. Acesso em: 02 nov. 2021.

ARAÚJO, Joelma. **A Influência dos Internetês na Escrita dos Alunos do Ensino Médio da Escola 19 de Julho**. FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS DE GUARANTÃ DO NORTE - FCSGN CURSO DE LETRAS, 2017. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/sophiauta/Letras/TCC+on-line/Joelma.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Parábola, 1999.

DEPS e SOUZA. **A linguagem utilizada nas redes sociais e sua interferência na Escrita tradicional**: um estudo com adolescentes brasileiros. II Congresso Internacional TIC e Educação. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1-1O5OMZD3fozwACI-gDopvok4AfUXUUo/view?usp=drivesdk>. Acesso em: 02. nov. 2021.

FERREIRA, Aridelson. Leitura e escrita nas redes sociais. **Revista Principia**, Divulgação científica e tecnológica do IFPB – nº 25, 2014. Acesso em: 15 nov. 2021.

Internetês é a nova linguagem da internet. G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/especial-publicitario/colegios-maristas/onde-os-jovens-estao/noticia/2019/08/16/internetes-e-a-nova-linguagem-da-internet.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2021.

KOMESU e TENANI. **Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem.** Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/DV6yJCjDWsXq7ZsQKkKZZkm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2021.

NASCIMENTO, **Amanda. Português virou internetês no dia a dia? Não vale na redação!** Blog do enem, 2013. Disponível em: <https://blogdoenem.com.br/portugues-internetes-dicas-redacao>. Acesso em: 18 nov. 2021.

PORFÍRIO, Francisco. **"Isolamento Social"; *Brasil Escola*.** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/isolamento-social.htm>. Acesso em: 25 nov. 2021.